

MAMIRAUÁ

texto do filme

uma produção DIÁLOGO

apresentando Tito Martins

mamirauá

UM FILME DE SILVIO DA-RIN E EQUIPE

Locutor: A maior área de floresta tropical protegida em todo o mundo é o Corredor da Amazônia Central, uma faixa contínua com mais de 500 quilômetros de extensão. É aí, no Médio Solimões, que fica a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Em sua parte mais populosa vivem 63 comunidades. Doze delas e duas Terras Indígenas participaram das filmagens desse documentário.

Legenda: **mamirauá na seca**

Mapa com legenda: **BOCA DO MAMIRAUÁ**

Silvio Da-Rin (diretor): Oi, Tito!

Legenda: **Tito**

Tito: Fala, Silvio.

Silvio: Quanto tempo, hein?

Tito: Foi um prazer, Silvio.

Silvio: Demorou, mas chegamos, para filmar Mamirauá na estação seca.

Tito: Pois é, né. Quatro anos, não foi?

Tito (off): Papai estava vivo ainda.

Silvio: Poxa, rapaz, fiz uma entrevista tão bonita com ele. Eu trouxe, para lhe mostrar, para você e para sua irmã. Ele era uma pessoa formidável. Me marcou muito.

Tito: Muito importante para nós.

Silvio (off): E aqui é o cano do Mamirauá?

Tito: É, isso aqui é o cano do Lago Mamirauá, que fica no começo da entrada da Reserva.

Tito: Olha onde chegou a água.

Silvio: Aquela marca ali?

Tito: É, aquela marca lá.

Silvio: Subiu ali... mais de quinze metros.

Tito: Mais de quinze metros, nessas casas.

Silvio: Caramba! A vida do povo da várzea é um sobe-e-desce.

Tito: É um sobe-e-desce e muitas vezes a pessoa se muda de um lugar para outro por esse motivo.

Ivanilde: Deixa eu mostrar...

Silvio: É larga, não é?

Ivanilde: Isso aqui é uma malhadeira que eu estou tecendo. Eu estou terminando de tecer, tem uns carros aqui, uns restos da linha...

Legenda: **Ivanilde**

Ivanilde: Eu estou fazendo essa aqui já para pegar pirarucu.

Silvio: Pega o pirarucu e peixe pequeno passa no meio?

Ivanilde: Passa tudinho. Então isso aqui é a agulha que eu teço.

Tito: Deu mais de um cento, não é, Ivanilde?

Silvio: Uma frutífera que já rendeu isso tudo, é?

Ivanilde: Já, já colhi muito...

Silvio: Eu não imaginei que uma mangueira num flutuante assim, resistiria bem. Resiste?

Ivanilde: Resiste. Olha, essa árvore também, de...

Tito: ...de Cajú.

Ivanilde: ...de caju, eu já tirei uma poção de caju daí.

Ivanilde: Essa daqui, ano passado, eu tirei 120 mangas dela. E agora, esse ano, ela já está carregada de novo. E ela é em cima do pau, ela fica em cima do pau. Essa árvore.... Essa daqui é cuia, cebola, tudo eu coloco por aqui.

Silvio: Que época do ano vocês saem da casa e vêm aqui para o flutuante?

Ivanilde: É quando está cheio, em maio.

Mapa com legenda: **TAPIIRA**

Tito: Quer dizer que é aqui que os invasores vêm para pegar os ovos?

Josimar: É, aqui.

Tito: Aí vocês têm que estar muito atentos, não é?

Josimar: Eles atravessam para cá. Ali na beira da praia. Aí, num descuido, eles sobem na praia.

Tito: Quando eles estão aqui, quem é que faz o sinal que tem invasor? E de noite, como vocês identificam...

Josimar: A própria gaivota, ela dá o sinal.

Tito: Fora os invasores, tem outros predadores?

Josimar: Tem os urubus, os gaviões...

Tito: Eles são os predadores?

Josimar: O jacuraru também.

Tito: O jacuraru vem comer os ovos?

Josimar: Vem comer os ovos.

Tito: Quantos dias que eles foram...

Josimar: Está com seis dias.

Tito: E eles já correm, hein?

Josimar: Eles saem, muitos deles não conseguem voltar, aí ficam morrendo.

Tito: Ficam morrendo, é?

Josimar: Por causa do aquecimento da praia, eles ficam morrendo. Porque no meio de tantas mães se perdem. Olha a mãe lá, como foi buscar ele lá. Muitos deles se perdem no meio.

Tito: Outros não dão alimentação. Quem dá alimentação é a própria mãe?

Josimar: É própria mãe.

Tito: Já teve algum acidente, de elas...

Josimar: Já, no ano passado. O pastor Roberto.

Tito: Ah, ele foi picado pela gaivota?

Josimar: Pela gaivota, estava nesse período, também.

Tito: Quer dizer que aqui é o ponto delas fazerem a desova? Mas aqui não é só gaivota não...

Josimar: Tem bacurau...

Tito: Aqui é a chocadeira? E aí tem qual qualidade de quelônio que tem?

Josimar: Tem laçá e Tracajá só. Porque a tartaruga não subiu ainda. Ela sobe esse mês, sempre é de outubro para novembro.

Tito: E quando elas saem, vão embora, descem para a água, ou vocês têm...

Josimar: A gente tela. Faz uma telagem aqui. Aí todo dia, quando começa a sair os bichos, todo dia tem gente aqui para fazer a coleta e levar para o tanque.

Tito: E aí, qual é o risco, depois de ir para a água, eles não sobreviverem?

Josimar: O risco é grande, por causa do peixe. O bicho sai para a água e aí tem aquele pitu do umbigo do quelônio, aí a maioria o peixe come. Mas isso é o ciclo natural da vida deles.

Silvio (off): Então tem 64 ovos enviados aí?

Josimar: Tem 64 covas. Está dando mais de mil ovos aí.

Tito: Mais de mil ovos...

Josimar: Aqui é a vigilância, de sete pessoas. Por rodízio. Todo dia tem uma turma para fazer a vigilância. Só que faltam condições também. Todo mundo tem sua família. A gente não para toda hora estar lá na praia para fazer essa vigilância.

Legenda: **Alailton**

Alailton: Tem muito invasor, tartaruga não está mais subindo, quase. O pessoal de arrastão está levando. Esse aqui topou... os caras queriam cortar ele lá... O que é que a gente vai fazer?

Josimar: Porque antigamente era pesca artesanal. Tudo era pego de flecha, alguma coisa. Agora não, é tudo de malhadeira. Malhão, que chama. Pega dos grandes aos miúdos. Aí, essa espécie, aqui na nossa praia ela está sendo extinta. Eu poso dizer isso com toda a clareza, que ela está sendo extinta. Porque, de nove tartarugas que vinham subindo, para hoje subir uma tartaruga... E não tem... por exemplo, os invasores agora não vêm mais de rabetinha. É em 140, é 90, é motor de força. E a gente com um "quinzezinho" não tem como fazer uma vigilância correta. Enquanto a gente está aqui, o invasor sobe na praia, leva os ovos das gaivotas... Quando chega lá, eles já vão a léguas de distância. Porque hoje, nas cidades grandes, só se vê pedra. O bonito da nossa vida aqui é o cara estar no meio de uma natureza dessas, vendo o que Deus deixou para a gente e a gente está destruindo a cada dia que passa... A gente está vê que está reduzindo.

Mapa com legenda: **BOCA DO MAMIRAUÁ**

Mapa com legenda: **CABURINI**

Ronivon: Isso aqui é a quarta transição de mudança. E aqui, hoje, onde nós estamos, era rio, antes. Depois virou praia. E lá onde nós morávamos está muito distante daqui, está a quilômetros e quilômetros, para nós chegarmos até lá.

Letreiro: **Ronivon**

A água foi um dos fatores que prejudicou muito essa nossa transição de um local para outro. E a alagação às vezes traz problema e traz coisas boas também. Se, por exemplo, dois anos não alagar, essa terra aqui não vai dar mais frutos como ela dá quando ela cobre. Então a água, lavando, com certeza no próximo ano ela vai dar do mesmo jeito.

Morador: Bom dia, padre. Tudo bem?

Padre Antonio: Que bom! Finalmente, Caburini, não é?

Morador: Seja bem-vindo à comunidade.

Padre Antonio: E vão fechar tudo, as paredes, né?

Morador: Vamos fechar todas as paredes...

Padre: A água aqui invade, não é?

Morador: É, a água aqui invade.

Tito: Padre, há quanto tempo a Prelazia iniciou o programa de preservação?

Padre: A partir do ano 1972 começou o movimento das comunidades.

Legenda: **Padre Antonio.**

Padre: Antes, não se falava em comunidade. O povo vivia ainda muito espalhado, em terra de patrão. Ou em terra de seringalista. Aqui então foi se juntando o povo, construindo escolas... Então, o Reino de Deus seria mudar a sociedade. Deus é que está do lado do pobre, a “opção pelos pobres”. Então isso tudo teve muita influência na nossa região.

Tito: A preservação do lago, como começou?

Padre: Pois então, aí surgiu a partir do ano 1979. A borracha tinha fracassado, o pessoal começava então com a exploração industrial do peixe. O pirarucu em primeiro lugar. Então foi um tempo em que o pirarucu desapareceu da região. E o povo começou a passar necessidade. Então, estava faltando o peixe de cada dia. E com isso, então, surgiu esse movimento do Irmão Falcon, que começou a visitar todas as comunidades, até lá no Alto Juruá, no Alto Jutai. Começaram a analisar a situação, os problemas que havia com o problema da pesca. Então, pressionando as prefeituras, os legislativos, para formular leis, para proteger o povo e o pescador local. As águas conhecidas como santuários, quer dizer, lagos em que nem o próprio povo do lugar entrava, que devia ser respeitado, era lago de procriação. Depois, os lagos de manutenção, que a comunidade usava para sua própria manutenção. E lagos abertos. A partir de 1984, o Irmão Falcon, com D. Mario, começou a organizar as comunidades em setores. Então, me parece que aqui, a área própria do Mamirauá são oito setores. E o entorno são dez setores. Então isso se tornou, me parece, a base da organização. O Mamirauá continuou em cima disso, e em cima do trabalho feito pela prelazia, de conscientização.

Mapa com legenda: **BOCA DO MAMIRAUÁ**

Professora (off): Que lindo! Tão bonito quanto de verdade.

Professora: Na reserva Mamirauá é assim: Todo ano é esse sobe-e-desce de água. Na cheia, a água do rio vai subindo, subindo...

Legenda: **Priscila**

Priscila: Durante a cheia, o boto vermelho nada dentro do igapó. Apesar de ser um bicho grande, o boto é ligeiro, e ele pode até nadar para trás. Que aconteceu com esse boto aqui? O que vocês acham?

Crianças (off): Está marcado aqui. Está marcado.

Priscila: O que aconteceu, Flávia, com esse boto? Você sabe?

Legenda: **Flávia**

Flávia: Esse boto aí recebeu uma arpoada.

Priscila: Quando o boto vê uma malhadeira, uma rede de pesca cheia de peixinhos, ele pensa assim: “hum, que refeição fácil, eu vou lá comer esses peixinhos todos”. E vai lá e rouba todos os peixinhos do pescador, porque eles estão todos juntinhos. Então, esse aqui o pescador não gostou.

Flávia (off): Mas esse boto é tão forte que ele ainda está vivo, está bem bonito, nadando no rio.
Priscila (off): E vocês estão vendo que esses botos estão marcados? Nós capturamos os botos e damos essas marquinhas para eles.

Flávia: E como a gente está tentando estudar os botos, entender melhor eles, a gente precisava dar nome para eles.

Priscila: E o boto consegue entrar dentro do igapó, da floresta alagada, quando está cheio. Vocês já viram o boto dentro do igapó? E o que o boto come?

Crianças: Peixe.

Priscila: Vocês sabem que tipo de peixe o boto gosta mais de comer?

Crianças: Não.

Priscila: Piranha, será que o boto come piranha?

Crianças: Come.

Priscila: O boto come piranha também.

Criança: É um boto de verdade.

Priscila: É um boto de verdade.

Mapa com legenda: **PORTO PRAIA**

Placa: GOVERNO FEDERAL / FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO / TERRA PROTEGIDA

Tereza: Nós queríamos professor indígena, bilíngue, da nossa etnia.

Legenda: **Tereza**

Tereza: E hoje nós temos aqui livros, temos professor, a dança Tikuna mesmo, com as músicas todas. Então, para nós melhorou muito. Mas se nós não nos manifestássemos, como eu digo para as outras aldeias: Vocês têm que buscar, porque nós fomos buscar. Porque já estava perdido. Nossos avôs eram indígenas, mas não sabiam mais as músicas. Porque os Tikuna, vocês viram a história deles. Da barreira da missão, onde eram as aldeias indígenas, foi parar em Tabatinga. Hoje tem etnia, como Miranha, que não encontramos de jeito nenhum a fala deles, a língua materna dos Miranha, porque está na Colômbia.

Silvio: Mas hoje já tem bastante gente que fala a língua Tikuna?

Tereza (off): Já, já tem muitos.

Tito: Aqui na comunidade já tem?

Tereza: Aqui tem os alunos, que estudam.

Silvio (off): Como se cumprimenta em língua Tikuna?

Tereza: Anu manguê. Estou dizendo: Bom dia, a todos.

Legenda: **Vice tuxaua Agnaldo**

Agnaldo: Eu acho que a população amazonense tem como os indígenas, que foram os primeiros habitantes...

Silvio: Eu gostaria muito que algum de vocês me mostrasse alguma atividade agrícola.

Agnaldo: Se tiverem disposição para andar, ainda come melancia por lá, ainda.

Índio: É a única terra mais alta que tem aqui.

Tito: É a restinga alta?

Índio: Está próximo já, não vai demorar mais não.

Índio: Mandioca, melancia, a banana, tudo a gente aproveita.

Silvio: A terra melhor de plantio é essa?

Índio: É essa área aqui.

Silvio: É a área de plantio da aldeia.

Índio: Olha a melancia. E tem que ser rápido, às vezes não dá nem para amadurecer, já leva e perde o trabalho.

Legenda: **Jeferson**

Jeferson: Isso aqui vai ser tudo limpo, quando tirar as melancias, tem que tirar as ramas, fica só as roças. Essa aqui é o quiabo. Esse pimentão aqui é de outro tipo.

Mapa com legenda: **JARAUÁ**

Oscarina (off): Jarauá era uma comunidade pequena. Isso aqui, nessa área, antes da criação da Unidade, tinha mais ou menos trinta barcos, pescando, levando madeira. Esse pessoal, eles abraçaram essa causa.

Legenda: **Oscarina**

Oscarina: E eles se comprometeram, em três anos, só tirar, alguns por ali, que a gente chama de ressaca, para comer. E isso não é deixando lá: É indo reparar. Porque precisava montar guarda ali. E eles faziam isso. Homens e mulheres. É por isso que eu digo: manejo de pesca, que hoje varou o mundo, é uma experiência de Jarauá. Mas o que fez dar certo foi a comunidade, que acreditou e se empenhou nisso. O que é manejo? É uma pesca organizada. Manejo é isso, é uma pesca organizada, pensada para hoje, para o amanhã e para depois.

Legenda: **Nazaré**

Nazaré: Desse manejo, que foi liberado para nós, pousas famílias faziam parte. Porque teve todo aquele processo de legalização de documentos. De ter pescadores legalizados, com toda a documentação certa, entre homens, mulheres e jovens, que fazem parte de nosso acordo de pesca. E o nosso manejo, para nós, ele é o nosso futuro, da nossa comunidade.

Oscarina: Mas nós não temos o Estado presente, fazendo a sua parte. Qual é o nosso maior problema aqui? Proteção. Proteção, a gente não tem. E esse é um papel do Estado.

Silvio: Quando você fala em vigilância, é para evitar que barcos pesqueiros entrem, barcos de Manaus, de Tefé, é isso?

Oscarina: Eles não podem mais entrar. Mas eles ficam numa certa parte e mandam canoieiros. E eles são novamente carregados, lá fora, se enchendo, novamente.

Nazaré: A cada ano de pesca, a gente tira a metade daquele benefício de todos os pescadores, para deixar em caixa, para suprir a vigilância dentro da nossa comunidade.

Oscarina: Tem área aí que não tem nem comunidade morando, pessoas morando, que fica descoberta. Nós chamamos isso de áreas descobertas. Porque quem protege, quem cuida, são as comunidades que estão perto. E quando chega o Marcio aqui nessa região, com a ideia de transformar isso em uma Unidade de Conservação, que naquele tempo ainda não se usava essa unidade de conservação que as pessoas pudessem morar - tinha que ser estação ecológica ou reserva de proteção mesmo, haja dias de se reunir e de pensar: não, a gente não pode mandar nosso povo, nós não podemos tirar nosso povo daqui, nosso povo tem que ficar aqui.

Mapa com legenda: **NOVA COLÔMBIA**

Pescador I (off): Esse aí é o...

Pescador II: Lamba.
Pescador I: Arauanã.
Pescador II: Arauanã, Macaco d'água, Lebreia...
Pescador I: É muito nome...
Pescador II: É muito nome!

Mapa com legenda: **SANTA HELENA DO ICÉ**

Tito (off): Você acompanhou o trabalho de preservação aqui nesse local?

Legenda: **Gilberto**

Gilberto: Desde o começo. Desde quando nós, com papai, começamos a reunir o pessoal, andar de casa em casa, para convidar o pessoal para a gente formar o grupo, para preservar. Do dia que começou até no final. Apanhei, também. Tomaram tudo o que nós tínhamos: remo, terçado, espingarda que a gente andava.

Silvio (off): Quem pegou vocês?

Gilberto: Pescador, os invasores. E fizeram a gente remar com a mão, daqui da cabeceira do lago até na beira do rio de lá.

Legenda: **Vavá**

Vavá: Nós fomos todos presos, daqui; tudinho, fomos presos.

Silvio: Quem prendeu?

Vavá: Foi em Alvarães. Uma vereadora de Alvarães.

Silvio: Botou a polícia em cima de vocês?

Vavá: Foi. Foi preso todo mundo, tudinho aqui foi preso, tudinho. Até mulher buchuda; minha irmã, com nove meses de gravidez, foi presa com a gente.

Silvio: E aí?

Vavá: Aí nós passamos um dia presos, ainda. Eles passaram mais ou menos umas quatro horas presos. Eu fiquei mais tempo, porque eu era o cabeça do trabalho.

Silvio: Qual era a acusação contra vocês?

Vavá: Foi porque nós apreendemos umas malhadeiras de um cara que veio pescar aí, na área que a gente preservava. A gente tirou a malhadeira dele, apreendeu. Aí ele foi denunciar a gente, que nós tínhamos tirado a malhadeira dele e ele estava passando fome. Nós preservamos dezoito anos. Mas nesses dezoito anos sofremos muita perseguição. Aí o cara bateu em minha mãe, aqui, minha mão tem o braço torto, em casa. A gente não tinha poder de apreensão, de prender. Botava para fora, mas um dia estavam de novo aí. Foi difícil, porque o pessoal parece que não acreditava naquele trabalho que a gente estava fazendo. E hoje tem gente que não acredita ainda, sabe? Valeu a pena, então. Porque hoje já tem muito peixe. Nas áreas preservadas já tem muito pirarucu, tambaqui, tudo tirado legal, O cara pode tirar, vender tranquilo, não tem...

Silvio: Dentro daquela quota.

Vavá: Pois é, dentro daquela quota.

Mapa com legenda: **BOCA DO MAMIRAUÁ**

Ruth: Essa aqui é a equipe número um. É Afonso, como coordenador; Waldenilson, o vice; Emerson é o fiscal.

Cartazes na parede: Eleição Setor Mamirauá – Coordenação. Chapas 1 e 2.

Ruth: O dois: o Antônio se encontra aqui, o Sabá, e o Zé, falta o restante, tá, pessoal.

Legenda: **Ruth**

Ruth: Nós estamos aqui fazendo a contagem, aqui com os mesários, dos votos para a coordenação. O número dois ficou em segundo lugar com o número 67; e o número um com 119. Eleito, hoje, dia 15 de outubro, Dia do Professor.

Mapa com legenda: **NOVA BETÂNIA**

Tito: A gente vai bater um papo com o senhor, aqui.

Donato: Quer ir lá para casa?

Tito: A gente vai conversando aqui. Como está o senhor? Prazer, Tito, lá da Boca do Mamirauá.

Legenda: **Donato**

Donato: A minha vida toda sempre foi trabalhar em madeira. Eu trabalhei numa madeira e o rapaz que comprou levava para Itacoatiara. Ele passou três meses com essa madeira daqui para Itacoatiara. Porque ele viajava só de noite. Quando vinha para amanhecer o dia, ele tinha que procurar um lugar para se esconder. Hoje não. Hoje, nós titã a madeira, deixa aí, o pessoal passa aí: “De quem é essa madeira?” “Associação da Betânia”. Então pronto, deixa lá, ninguém mexe com ela. O madeireiro vinha, pegava a madeira da gente, levava, às vezes nunca mais aparecia. Teus pais devem saber disso. Às vezes você tirava uma jangadona, o cabra vendia um pouco de mantimento, e tal, e depois: “Rapaz, tal dia eu venho pagar tua madeira”. Acabou-se, nunca maia aparecia. A gente trabalha hoje legalmente. Eles mesmo às vezes conseguem arranjar negócio fora daqui do mercado de Tefé. Porque, realmente, aqui no mercado de Tefé não tem mercado para madeira. Tem, mas é pouco. Vamos dizer, a movelaria quer cinquenta metros, quer trinta metros. Não tem condições de a gente ficar espalhando a madeira, um pedaço para um, um pedaço para outro, porque mesmo nós não temos embarcação para ficar levando, não tem transporte.

Silvio: Qual é a espécie de madeira que vocês abatem aí?

Donato: Nós cortamos aqui o louro inamoim, a castanha de macaco, o açacu, a castanharana, o araparirama - que nós chamamos de cedrinho, e outros tipos de madeira. Quando era ilegal, a gente achava que só necessitava a gente. Só eu, que hoje eu estou precisando, então eu vou tirar, seja grossa ou seja fina.... Pode ter a última árvore, mas a minha tendência era cortar aquela última árvore. Já o legal, hoje, não. Hoje eu já tenho que pensar nos meus filhos, nos meus netos, que daqui a vinte, trinta anos eles já vão trabalhar também. O único problema que a gente tem é o fenômeno da água, que não vem de mim nem de nós, vem de Deus.

Silvio: A cheia?

Donato: É.

Silvio: Por que?

Donato: Porque tem vez que ela não alaga onde estão as madeiras. Que nós só tiramos madeira em tora, é difícil a gente tirar madeira serrada.

Silvio: E aí, como é que é, a enchente prejudica em que?

Conato: Vamos dizer: a madeira está aqui nessa terra, derrubada aqui. A água não é excelente para que o senhor possa retirar a madeira. Às vezes fica baixinho assim. Aí pronto, tive um problema sério com aquela madeira.

Silvio: Você derrubou, mas não pode transportar.

Donato: Isso.

Donato (off): Se não houvesse essa preservação, essa área aqui estava devastada de uma vez por todas.

Silvio: Essa câmera aqui, a gente comprou, novinha. A ideia é que você, nos próximos seis, sete meses, que a gente vai estar no Rio de Janeiro, você possa filmar a transição da estação seca para a cheia – colocação de gado em marombas, as pessoas se preparando para a subida do nível das águas...

Silvio (off): Despedida breve, porque logo agora, em maio, já estamos chegando aí de novo.

Tito: Pois é, mas foi bom, meu amigo. Foi bom. Espero que esse trabalho continue para outra viagem.

Silvio: Você foi um guia magistral, excelente entrevistador; e eu espero que seja um bom câmera também, daqui para a frente.

Tito: Para isso é que eu estou torcendo, viu, Silvio.

Silvio: Um abraço enorme.

Tito: OK, boa viagem para vocês, e até a volta.

Legenda: **mamirauá na cheia**

Tito: Fala, Silvio!

Silvio: E aí, Tito.

Tito: Como é que está, meu amigo, tudo bom? É um prazer lhe rever.

Silvio: Cadê aquele praião que tinha aqui?

Tito: Pois é, né, aquele praião, quando está seco, né? A gente caminha quase vinte minutos para chegar até aqui, da cidade, não é?

Tito: É essa aqui, Silvio.

Silvio: Boa. Valeu. Vamos carregar, então.

Tito: Olá, Silvio.

Silvio: Oi, Tito.

Tito: Eu trouxe aqui os cartões, Silvio, das filmagens que eu fiz. Vamos ver como está, se você vai gostar. Tem várias filmagens aí nesses cartões.

Silvio: Ah, ótimo. O que é esse tanque azul? Ah, as tartaruguinhas.

Tito: Esse tanque azul é lá na comunidade de Tapiira. Tem uma área de preservação lá, uma praia, onde eles têm a criação dos quelônios, uma praia que a comunidade tirou para preservar. Eles fazem a fiscalização lá na praia, porque tem muitas pessoas, pescadores, que vão diretamente roubar os ovos dos quelônios.

Silvio: É onde Josimar falou que ia botar uma tela, não é?

Tito: É, ele bota uma tela. Então eles tiram os ovos de lá e colocam dentro desse pequeno cercado. Isso aí eles estão largando os filhotes, para ir para a natureza. Na hora da soltagem a chuva engrossou, uma chuva muito forte.

Silvio: Porque tem a hora certa de largar, não é? Chovendo ou não chovendo...

Tito: ...eles têm que largar naquela data.

Mapa com legenda: **TAPIIRA**

Silvio: Alailton, a comunidade agora, na cheia, está inteiramente diferente. Coisa mais impressionante eram as gaivotas sobrevoando a praia.... Onde é aquela praia?

Legenda: **Alailton**

Alailton: É aí, bem em frente mesmo, aqui, da ponta desse ato para ali.

Silvio: Depois das gaivotas Josimar nos acompanhou até o criadouro dos quelônios. Ele dizia que tinha mais de mil ovos naquelas covinhas. Como é essa chocadeira que vocês fazem?

Legenda: **Caçula**

Caçula: A gente faz um cercado ao redor dos ovos. Quando chega aquela data de tirar os filhotes, a gente pega e traz para pôr dentro de um tanque aqui na comunidade. E faz a soltura, que o Tito fez a filmagem.

Tito: E vocês ficam com eles quantos dias no tanque, para chocar?

Caçula: Se a gente soltar eles assim que sai do ovo, não sobrevivem nem um. Os peixes comem tudo.

Alailton: Todo dia a gente troca a água. É por rodízio. Um dia é dela, outro dia é do fulano. Então, é um patrimônio que dá muito trabalho. Aí, toda semana. E não é qualquer água. Tem que ser água do rio, se for água da chuva ele morre. A gente faz aquilo por rodízio, na praia é um rodízio. Aí, “-é meia noite, eu quero ir no “quinze” para favorecer, dar uma voltinha ao redor da praia, eu tenho que comprar cinco ou seis litros de gasolina, com meu dinheiro”. Aí, outra noite já é do fulano, ele tem que ir.

Tito: E vocês têm um lucro financeiro para vocês estarem aí cuidando, vigiando a praia?

Caçula: Não. A gente não tem isso. É voluntariamente mesmo. É por conta própria da gente.

Alailton: Nós começamos em 2002, não foi?

Caçula: 2002. Hoje está fazendo quase quinze anos.

Alailton: Mais de quinze anos. E aqui, nossos próprios filhos, criados aqui na natureza, aqui nessa região mesmo, não sabiam o que era uma tartaruga. Quando o marido dela trouxe uma, para mostrar aqui, teve menino que pulou e disse que nunca tinha visto uma iaçá. É um conselho que eu sempre digo: preserve. Porque se você preservar, você tem fartura, você tem o seu prato cheio e tem o que demonstrar. Tem gente que não valoriza o que é uma preservação. Porque a gente não está preservando só para a comunidade Tapiira. A gente está preservando para a natureza.

Silvio: É, Tito, eu acho que você vai poder fazer muitos registros de atividades aqui no Mamirauá.

Tito: Eu nunca tinha pegado em uma câmera para filmar. Eu já peguei câmera para fotografar (continua off) agora para filmagem, estou aprendendo com você, foi uma aula para mim. Eu gostei. Foi outra atividade que eu estou aprendendo e estou gostando, na minha vida.

Tito (off): Agora nós estamos aqui, filmando as pessoas que vão descer as águas batismais.

Tito: E essa igreja aí é igreja da Assembleia de Deus lá na comunidade Boca do Mamirauá.

Silvio: É, a nova igreja.

Tito: A nova igreja, que teve a inauguração. Aí eu filmei a morte de uma criança. Então, a mãe dele fazia parte dessa igreja e foi onde ela pediu que o corpo da criança viesse para o velório dentro da igreja. Então, eu aproveitei, pedi autorização dela, se eu podia filmar esse velório descendo de dentro da igreja, para levar para o cemitério.

Silvio: Caixãozinho pequeno, quantos anos ele tinha?

Tito: Tinha quatro anos de idade. No início do ano ele estava com a gente, participou das brincadeiras do final do ano, no Dia da Criança, ele estava lá participando, todo animadinho; e adoeceu rapidinho, essa criança. O pessoal não descobriu antes essa doença dele, uns diziam que era verme, depois falaram que era infecção, então, deram remédio para uma coisa e acabou, era outra. Foi um tumor na cabeça. É muito difícil ter assistência de saúde, você levar

para um hospital aqui mais próximo, que é Alvarães. E depois foi para Manaus e o médico foi descobrir que era um tumor interno. E machucou todo mundo da comunidade, que ele era muito querido com os comunitários.

Mapa com legenda: **SÃO RAIMUNDO**

Silvio (off): Porque botar o gado em cima de um flutuante?

Libório: Porque aí, se encher três metros de fundura, não tem como atingir. E naquela época não, eles criavam e colocavam o gado em cima daqueles paus, e quando a cheia ia suspendendo a água a boias iam se derretendo, se afoxando. Porque ficava muito longe da terra.

Legenda: **Libório**

Silvio: E o gado afogava?

Libório: O gado morria, a maioria morria. Aí, quando era de noite, era gado espalhado por dentro do igapó.

Tito: Meu pai, quando a gente tinha boi, era acostumado cada boi tinha um nome. Vocês colocam nome para os bois?

Legenda: **Raimunda**

Raimunda: É melhor a gente colocar o nome, porque a gente chama pelo nome e eles atendem. Tinha a branquinha, a branquinha morreu, foi essa que o jacaré pegou, mas a gente chamava pelo nome, ela atendia.

Tito: Quanto tempo eles vão ficar em cima da maromba?

Libório: Aí vai depender da água. Conforme o tempo que a água se aguentar aqui.... Saiu a terra, a gente já tira logo. Eu estou calculando que daqui para dia 15 ou 20 de junho a gente já está tirando de volta.

Raimunda: Os bichos dentro d'água, eles ficam muito maltratados, né? E na maromba não, na maromba eles ficam especial. E na hora da comida tem ali o alimento dele, a gente vai cortar, todo santo dia, o capim, a canarana, traz, todo santo dia, de manhã e de tarde. E tem que lavar a maromba também, e aí, quando é a noite, eles estão com a barriginha cheia. E aí não reclamam.

Daniel: Aí a gente tem que lavar, quando chega.

Legenda: **Daniel**

Daniel: Se jogar com toda a lama, creia verme, o bicho fica magro.

Silvio: Quantas pessoas vivem aqui na comunidade?

Libório: Umas trinta pessoas, por tudo, não é?

Silvio: Essas trinta pessoas todas ficam aqui no auge da cheia, ou algumas vão para a cidade?

Libório: Todas ficam aqui.

Silvio: Não pensam em viver na cidade não, né?

Libório: Não.

Silvio: Por que?

Libório: Porque eu sou acostumado aqui no interior. Nasci e me criei aqui. Eu vou na cidade, às vezes passo dois dias, três dias, e vou embora.

Raimunda: A gente não pode abandonar, né, os bichos não podem ficar abandonados. Aí tem que ficar aqui, até a água baixar.

Mapa com legenda: **MANACABI**

Silvio (off): Essa mandioca, o senhor plantou na seca para colher na cheia?

Edilson: Foi. Alaga logo rápido.

Legenda: **Edilson**

Edilson: Às vezes tem plantas que duram seis meses, sete meses, aí não tem condições de aguentar a água. A gente vai botar ela para amolecer, aí a gente vai torrar ela para fazer (farinha), para a gente comer. A gente não vende assim, de tonelada. Entrega lá para ele, pesa, E ele já vende para nós um açúcar, um café, um sabão... O que precisar a gente vai lá e compra dele "fiado". Aí a gente já pega o peixe para vender para ele...

Silvio: Para descontar.

Edilson: É.

Silvio: E na cheia fica todo mundo ou vai alguém para Alvarães?

Edilson: Não, fica todo mundo aí. Porque aí, a gente vai suspendendo as casas, arrancando assoalho, vai suspendendo, vai alteando, botando pau. Depois que o rio abaixar, você vai arreando também o girau. Aí, quando chegar normal, aí você prega o assoalho de novo, do mesmo jeito.

Tito: Bem, a gente coloca ela na água, depois coloca para cá, para ela escorrer a água, para depois, quando for para o tipiti, ela estar só a massa. Então, tem que machucar desse jeito. Ainda tem um pouco de água aqui. Depois ela vai escorrer, para ficar bem sequinha, que é para ir para a peneira.

Silvio (off): E vira farinha?

Tito: Aí vira farinha.

Tito (off): O amazonense, sem a farinha, a gente não tem como viver. A pessoa comer arroz, já não tem o costume.

Moça (off): Se não tiver a farinha, para a gente, não...

Tito (off): Então, aqui a prioridade é a farinha. A mandioca, o que ela dá mais?

Moça (off): Faz farinha de tapioca, faz o bijou, faz o biscoito, ela dá goma...dá um monte de coisa.

Silvio (off): Está levando a gente aonde?

Libório (off): Passaral.

Silvio (off): Onde é isso?

Libório: Passaral é onde os bichos desovam. Onde eles se juntam para desovar.

Silvio (off): Aqui a gente está mesmo dentro do igapó, não é?

Libório: Tá, no meio da floresta.

Silvio (off): Porque os pássaros escolheram essa área para procriar?

Libório: Ela é uma área isolada, mais seguro para eles...

Silvio (off) ...botar os ovos...

Libório: ...botar os ovos. Fica perto de uma área de um lago. Eles só se alimentam de peixe.

Silvio (off): Qual o tipo de pássaro que tem aí?

Libório (off): A maior parte é maguari. Nessa época, os urubus ficam cercando aí também. No começo de abril eles começam a chegar aqui. Em junho eles já começam a ter filhos, os primeiros que começaram a chocar, a desovar, já começam a ter filhos. Aí, quando for final de setembro, eles vão embora.

Silvio: Aí, só em março, abril de novo é que...

Libório: (off): É, março, abril, eles começam a se chegar.

Silvio: Mas eles não variam, eles voltam todo ano.

Libório: Nessa mesma área aí. Eu acho que eles já se acostumaram, começaram aí e não sabem mais ir para outro canto, se não foi aí.

Mapa com legenda: **JURUPARI**

Legenda: **Francenildo**

Professor Francenildo: Outra palavra: “i”, “a”. ia. Uma pessoa que ia trabalhar. “Ia” - “i” na frente e o “a” depois. Não é, Luisa? “u”, “a”, “u”. Uau. Isso.

Tito: Hein, Élcio, quanto. Essa aqui é uma canoa que estão fazendo...

Élcio: ...de forma.

Tito: ...de forma.

Legenda: **Élcio**

Tito: E uma canoa dessas dura quantos anos?

Élcio: Ela dura três anos.

Tito: Três anos, é? Então, daqui a três anos vocês já precisam fazer outra.

Élcio: Precisa já estar programado para fazer outra.

Tito: E aí, não tem um risco aqui de jacaré, cobra, pegar alguém?

Élcio: Tem. Jacarés daqui estavam tudo aí esse ano. É muito perigoso. Ano passado, ali, ele acabou a canoa de um filho meu, o jacaré. Ele acertou na ponta da canoa e acabou. Ele mordeu nesse friso aqui.

Tito: Aí da canoa.

Élcio: Torou o friso da canoa dele. Eu escutei “pati, pin” ... Ele é perigoso, o jacaré. A cabeça dele é bem assim, dois palmos, quase três palmos. O bicho abre assim, fica assim, chiando.

Professor Francenildo: Olha a merenda. Estão felizes? Giovana... Eu vou sentar aqui com vocês. Vim merendar também. Quem quiser, aqui tem bolacha, tá bom? Vou merendar com vocês.

Menina (off) já terminei.

Crianças brincando de roda: ...vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar. O anel que tu me destes volta e meia se quebrou...

Mapa com legenda: **BOCA DO MAMIRAUÁ**

Silvio (off): Tito, já tem mais de vinte anos que isso aqui é a uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável – foi a primeira no Brasil. Como é que começou isso?

Tito (off): Chegou um barco aqui, com uma pessoa muito estranha. Essa pessoa veio de uma lancha, então ele disse: -“Eu vim aqui para fazer um trabalho. Eu quero perguntar para vocês se vocês conhecem um macaco branco que existe aqui nessa área.” -“Um de cara vermelha? Ele disse: -“É, esse de cara vermelha”. Ele disse: -“Atrás desse macaco eu quero estudar, formar meu doutorado”. -“Como é seu nome?” Ele disse: “Meu nome é Marcio, Marcio Ayres, biólogo. Aí ele foi, passou um mês lá dentro. E disse: -“Olha, encontrei o macaco. O tanto que eu pensei que encontraria só ele, encontrei outra espécie, que é o “macaco de cheiro cabeça preta”, que só existe aqui também. Então, eu vou fazer uma reserva”. Quando falou em reserva, totó mundo ficou assustado. Ele disse: -“Não é nada do que o pessoal está pensando.” Aí, Vila Alencar ficou assim, meio em dúvida, não queria receber ele. Sítio São José não aceitou. A primeira assembleia geral foi aqui na comunidade de Boca do Mamirauá. Aí ele foi embora. Quando ele voltou ele disse: -“Olha, levei esse projeto, então o governo vai apoiar, mas quer fazer uma Estação

Ecológica. Mas eu vou brigar com vocês, porque estação ecológica é uma reserva do governo, uma área que não fica nem um morador. Chegou lá, ele falou para o governo de não ser uma estação ecológica mais, ser uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, para as pessoas ficarem aqui dentro, morando e se mantendo aqui da área.

Silvio: Sem precisar sair?

Tito: Sem precisar sair. Porque aqui as pessoas desmatavam, pescavam, caçavam, não tinha nenhuma regra. Então nós aceitamos todo o acordo com ele e fizemos um “plano de manejo”, para a gente fazer uso daqui, mas com regras. Então, aqui a gente pode pescar, mas com uma pesca legal, pode tirar madeira, tirar madeira legal.

Silvio: Ter uma quota...

Tito: Ter uma quota, um limite. E também isso trouxe a pesquisa do jacaré, trouxe a pesquisa de onça, trouxe a pesquisa de macaco, e várias... pesquisa de boto, que a gente também não sabia que o boto tinha tanto valor, que muita gente tinha medo do boto... E hoje muita gente está vivendo do sustento, do trabalho da Reserva. Com as pesquisas também, porque na maioria das pesquisas os comunitários trabalham. Até hoje a gente pensa: esse homem trouxe um bem para nós.

Mapa com legenda: **VILA ALENCAR**

Silvio: Seu Afonso!

Afonso: Ôi.

Silvio: Tudo bem com o senhor?

Afonso: Tudo bom. Bom dia.

Silvio: Bom dia. E o senhor pela segunda vez é coordenador, não é?

Legenda: **Afonso**

Afonso: Eu fui primeiro o fundador do Setor Mamirauá. Eu fundei o setor em 1983. É difícil reunir os comunitários, porque não tinha comunidade, era mais localidade, era distante um do outro.

Silvio: E o senhor está focado em que, no seu programa de gestão?

Afonso: No meu programa, que eu tenho no momento, assim, de frente, eu tenho a vigilância do Lago Mamirauá. Porque a área da Reserva é uma área que repovoas as espécies nessa época. Mas no verão ela está migrando para a desova, a criação do peixe.... Quando é esse tempo sai para todo o lado. E também o papel do coordenador, eu vejo assim que é um elo, junto com os agentes ambientais, junto com os comunitários.

Silvio: Você sofreu alguma vez uma “terra caída”, teve que se deslocar com sua família por causa da uma terra caída?

Afonso: Eu vi uma comunidade perto de uma terra caída. Quando amanheceu, aquele pessoal estava todo em outra mata, porque a terra caída levou tudo, só de uma vezada. Era uma comunidade grande assim, mas a terra caída estava próxima. Eu disse: Vocês tem que cuidar, porque a terra caída vai levar vocês daqui. “Ah, não, ainda está longe, tem uns cem metros...” Foi uma noite, eles amanheceram todos na mata.

Silvio: Como é que acontece?

Afonso: Cai.

Silvio: A água leva?

Afonso: Vai levando, vai caindo, vai levando casa, amanheceu gado “de boboia”, foi galinha, foi gente pela mata... É muito rápido uma terra caída. E vai mesmo. Eu não sei o que é isso. Acho que é uma erosão que tem muita força na água.

Silvio: Muito obrigado. E olha, muito sucesso na sua gestão.

Mapa com legenda: **JAQUIRI**

Tito: Bom dia, João.

João: Bom dia. Seja bem-vindo aqui a nossa aldeia.

Silvio: Esse território aqui é originário Kambeba? Sua família nasceu aqui ou veio de outro lugar?

Legenda: **Tuxaua João**

João: Estamos aqui com 45 anos que chegamos aqui nessa terra. Desde lá, vieram baixando, meus avós, vieram do Peru. Aí fizeram quatro moradias, até chegar para cá. Mais de 15, 16 famílias aqui, no total de quase duzentas pessoas, na época. E aí foi diminuindo, foi diminuindo, parou em 24 pessoas, agora aumentou para sessenta. E o trabalho que nós estamos fazendo hoje é pensando em repovoar novamente. Buscar essas pessoas que saíram, em busca de grau de escolaridade para os filhos. Porque quando chegou a quarta série não tinha mais onde estudar e foram para a cidade. Primeiro levou os filhos, depois, não podiam deixar os filhos lá, assim foram saindo devagar. E agora a gente está com ensino do sexto ao nono, aqui mesmo dentro da aldeia, então o pessoal que estava para a cidade estão chegando novamente. Todo dia, toda semana tem aula. A língua Kambeba, aqui para dentro da aldeia, ela é uma das coisas mais importantes que nós temos. Falar nosso idioma, ter nossa cultura própria, para poder diferenciar a cultura nossa com a cultura do não índio.

Silvio (off): Como você se adapta a essa vida de estar lá na beira do rio, de repente o rio sobre, o que você tem que fazer para se adaptar a essa situação?

Raimundo: Seu Silvio, o senhor sabia que a gente se acostuma? É aquele lameira, você vai jogando os paus - não é, irmão Tito - para pisar por cima... se atolando.... Quando é um dia, seca, fica tudo bonito. E lá vem a água de novo. E aqui a vida é essa.

Legenda: **Raimundo**

Raimundo: Começa a sair terra aqui, para ficar no ponto de plantio mês de agosto. Aí você se anima, você planta. Aí passa agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, quando é mês de março, as terras estão, quando é abril, maio, está do jeito que está aqui. Olha, já teve enchente, cheia, que está aqui a marca, o senhor está vendo essa marca aí, né? Eu tenho um macacheiral ali embaixo, que eu perdi total. Eu estava com uma base de três meses, estava tudo com essa grossurinha, mais ou menos uns duzentos metros de macaxeira, não tirei um pé. Foi tudinho. Eu tinha aqui para mais de cem pés de limão, tudo dando fruta, mantinha tranquilo a despesa de casa, só com o dinheiro do limão. Eu vendia a R\$ 10,00 a lata e ainda me sobrava dinheiro.

Raimundo: O meu pai é caboclinho daqui. Mas minha mãe era cearense da gema, original mesmo, que veio no tempo da borracha.

Tito: Há quantos anos o senhor mora aqui?

Raimundo: Aqui, eu estou com uma base de uns vinte anos, porque eu me mudei de lá para cá devido à seca, que acabou o rio aí...

Tito: O senhor já morou em alguma comunidade?

Raimundo: Não, nunca. Nunca morei em comunidade. Minha mãe não gostava de comunidade. Porque toda vida ela gostou de criar, plantar. E em comunidade você não pode criar, meu irmão.

Silvio: Por que?

Raimundo: Porque perturba o vizinho, não demora vem a reclamação. Se for um porco, “-O seu porco está comendo minha roça”, está fazendo isso e aquilo; se for uma galinha, a galinha está

subindo lá no girau do vizinho. E aí, eu nunca gostei disso. Eu não fui criado em pesca. Mas, como diz aquele negócio: “a dor é que ensina a gente a gemer”. Aí, não tem outro jeito, o cara tem que apelar para o outro, para a pesca. Mas eu fui criado na agricultura.

Silvio: Sua família, sua formação é agricultura.

Raimundo: Agricultura. Minha mãe me criou na agricultura. Eu comecei a trabalhar com ela desde a idade de oito anos. Isso aqui é o que eu dizia para os fiscais, quando eles vinham tomar o pouco que eu tinha, eu dizia: meu irmão, não tenho outro meio. Olha a água onde chegou, levou tudo o que eu tinha, o meio é a pesca. Não faça isso, deixa meu peixe, para eu comprar meu café. “-Não, não tem jeito não, vou levar”.

Tito: Você acha que a fiscalização é boa ou é ruim?

Raimundo: É ruim. Se viesse a fiscalização para os grandes pescadores, eu até que ainda achava mais ou menos. Mas vem para os grandes, vem para os pequenos, se possível ele leva até a comida de dentro da tua panela. Como eu implorei aqui: “-Meu irmão, não faça isso. Deixa, é só o que eu tenho para comprar minha farinha, meu açúcar, meu café”. Não teve jeito, levaram tudo. Meu amigo, se fosse para dizer assim: “o que é que tu escolhes, fiscal ou a morte?” Meu irmão, a morte. Para você ver como eu quero ter fiscal. Você só vai arrumar inimizado. Só é isso.

Mapa com legenda: **CABURINI**

Pescador I: Leva essa corda para lá.

Pescador II: Segura aqui

Pescador I: Tá seguro.

Mapa com legenda: **SANTA HELENA DO ICÉ**

Legenda: **Ezilei**

Mapa com legenda: **JAPÃO**

Tito: E aí, seu Élcio.

Élcio: Ôpa.

Tito: Bom dia.

Élcio: Bom dia.

Tito: Tudo bem com o senhor?

Élcio: Tudo bem.

Tito: ‘Vambora lá, seu Élcio, o senhor explica aqui como é que é feita sua casa.

Silvio: Quanto tempo levou para ficar pronto esse flutuante?

Élcio: Pegando direto, um mês ele está prontinho. É só fincar as estacas, correr os travessões, assoalhar e cercar. Tem muita madeira, meu amigo. Muita madeira: Namoi, piranheira, todo tipo de madeira tem aí.

Tito: Isso aqui é seu barco, seu Élcio?

Élcio: É o meu barquinho. É um “6/8”.

Tito: Quantos metros tem essa sua casa?

Élcio: Ela tem uma base de doze metros. Seis de largura. E aí eu nasci aqui nessa terra que dava para ali, uma terra bonita.

Silvio: E a comunidade, como chamou?

Élcio: Japão.

Silvio: E o que aconteceu com o Japão?

Élcio: Quando enchia, e alagava, eles iam embora para Alvarães, não voltavam mais. Já uma família. Iam para Tefé, não voltava mais. Aí foi acabando, acabando. E aí eu fiquei só.

Tito: Só o senhor que não quis.

Élcio: Aí eu não quis. O padre: “-Por que você não vai embora, para a cidade?” Eu digo: não, o interior é barriga cheia, eu disse para ele, para o padre. A gente come o que a gente quiser, de comida: peixe, a qualidade de peixe que tem, a gente escolhe para comer. Melancia dá daquela, olha! Milho, tudo, macaxeira, roça, tudo dá, nessas terras aqui.

Tito: Aí tem um resto de um tambaqui, o que aconteceu com ele?

Élcio: Foi a piranha que comeu.

Tito: A piranha que comeu?

Élcio: É. Tu é filho do...

Tito: Seu Joaquim.

Élcio: Ah, eu conheço demais. Nós ia para o Mamirauá, pescar. Naquela época, não tinha pirarucu mais no Mamirauá. E agora, até por aqui tem pirarucu.

Tito: Então foi bom a Reserva, está sendo bom?

Élcio: Foi bom. E eu apoio a Reserva, porque é de onde está saindo peixe para o rio. E aí nós não consente canoa nenhuma de peixeiro aqui, da cidade. Eu não consinto.

Silvio: E viver isolado assim, morando aqui no flutuante, sozinho, só o senhor e seus filhos, corre algum perigo?

Élcio: O jacaré veio aí. Ele veio aqui, de noite ele está aqui. Nós espantamos ele. Ele vem, mas ele fica para ali. Nós espantamos ele daqui, porque ele vinha de noite para aqui.

Tito: Que é que eles vinham fazer?

Élcio: Vinham “estorrar” aí.

Mapa com legenda: **PORTO PRAIA**

Silvio: Boa tarde. O tuxaua está aí?

Morador: Olha o vice lá.

Tito: É ele que está ali, não é?

Silvio: Tuxaua, quando a gente veio filmar aqui, na seca, eu pedi para ver a lavoura. Nós caminhamos um bocado, atravessamos um rio, caminhamos mais um tanto e chegamos lá numa bela lavoura. Tinha muita melancia, tinha quiabo, tinha banana... Mas a lavoura foi inundada, mesmo estando em uma terra alta, ou não?

Legenda: **Tuxaua Manoel**

Legenda: **Vice tuxaua Agnaldo**

Agnaldo: Porque é assim: A lavoura, ainda tem um pouco de terra lá. Só que a mandioca foi tirada, a melancia foi colhida. Num tempo desses não dá para plantar nada, tudo acaba. Hoje, com isso, a gente somos empregados, somos trabalhadores na área de saúde. Tem um pessoal também na escola, que são professores, outros trabalham como serviços gerais, como vigia. O pessoal hoje vive mais assim, do emprego.

Silvio: Eu gostaria muito de ver a imagem da plantação que a gente percorreu. A gente trouxe um filmador aéreo que pode ser pilotado para chegar lá em cima da plantação.

Tito: Agnaldo, aqui é o seguinte: A gente vai tentar ver o lago, chegar no lago.

Mário: Olha, eu estou subindo aqui, para a gente conseguir ver melhor. Aqui, olhando, você sabe onde é o lago?

Agnaldo: É na beira, aqui.

Mário: É isso aqui?

Agnaldo: Isso.

Tito: é perto dessa “tapagem”, eu acho, a roça
Agnaldo: Fica bem na tapagem. É aqui mesmo, fica nessa direção aqui.
Mário: Seguindo aqui?
Silvio: Quer dizer que a horta agora virou isso aí, uma inundação. Vocês colheram bem?
Agnaldo: Bem. Deu tempo de colher tudo.
Silvio: Colheram o que? Mandioca, melancia...
Agnaldo: Mandioca, melancia, a banana não deu tempo de colocar o cacho. E o quiabo?
Agnaldo: O quiabo também deu para colher.
Silvio: Então podemos voltar, Mario. Missão cumprida.
Mário: Vou voltar, então.

Mapa com legenda: **JURUPARI**

José: Vocês estão vendo esse mato aqui, com essa florzinha vermelha? É com esse pau aqui que a gente pega o pacú. Aqui tem muito dela. É assim: a gente esmigalha ela, ela fica bem bonita. Aqui nesse igapó, a gente pega muito pacú de anzol. Pega pirapitinga, pacú, até mesmo o tambaqui, a gente pega de anzol. Essa daqui é a pupunharana. E com essa daqui a gente pega também vários peixes. E nós temos também a caxinguba, é outra fruta que o peixe come. Olha o pacú! Tá vendo, como tem? Tudo pega com essa frutinha. É mandii, é pacú, é sardinha, matrinchã. Também é pequena, vou soltar. A jamarunana, que justamente a gente isca ela aqui, e aí a gente pega pirapitinga com ela. Olha, esse aqui é o mandii. Eu acho que vou soltar ele. Aqui no interior, eu como a qualidade que eu quero. Aí, se eu dizer: hoje não vou querer comer pacú não, hoje vou comer pirapitinga. Eu vou lá e pego ela. Hoje não vou querer comer pirapitinga não, vou comer carauaçu. Aí a gente vai lá, captura o carauaçu. Olha aí a sardinha. O pirarucu fica todo o tempo proibido. A gente, que trabalha no acordo de pesca, a gente tem um período para tirar ele. Ele só não é proibido se for no caso do manejo, de outubro até dezembro a gente pode tirar ele, mas tem que ser controlado. O cara não pode tirar mais do que tem na quota. A mesma coisa é o tambaqui. O tambaqui, a gente tem que calcular a quantidade que tem, para a gente tirar ele também de acordo que não vá prejudicar o outro ano. Se tem umas cem toneladas de tambaqui no lago, nós tiramos vinte, trinta, e os outros vão ficando. E a gente está dando o exemplo aí, para as outras comunidades.

Mamirauá

é dedicado *in memoriam* ao fotógrafo de natureza e ambientalista Luiz Claudio Marigo, centelha inicial desse projeto

Direção	Silvio Da-Rin
Pesquisa Roteiro	Silvio Da-Rin, Fernando Mozart e Adriana Rezende Silvio Da-Rin e Fernando Mozart
Produção executiva Direção de fotografia e câmera Som direto	Martha Ferraris Rodrigo Graciosa, Mario Franca e Lula Araújo Altyr Pereira
Montagem	Celia Freitas (corte final) e Joana Collier

Música original	Fernando Moura Participação especial: Carlos Malta
Assistente de direção e de montagem	Adriana Rezende
Edição de som e mixagem	Marcito Vianna
Produtora executiva de finalização	Thais Mello
Operação de drone	Mario Franca
Câmeras adicionais	Ítalo Vasconcelos, Adriana Rezende, Silvio Da-Rin e Tito Martins
Fotos dos créditos	Luiz Claudio Marigo
Logger	Adriana Rezende e Ítalo Vasconcelos
Design gráfico	Marcellus Schnell
Videografismo	Inez Torres e Marcellus Schnell
Locução da abertura	Adriana Rezende
Consultoria de equipamento	Flávio Ferreira
Assistente de produção executiva	Matheus Rocha
Assistente de produção	Jéssica Esteves
Estagiário de produção	Julia Pedrase e Gianfrancesco Baldino
Finalização	Afinal Filmes
Coordenador de pós-produção	Marcelo Pedrazzi e Alexandre Rocha
Equipe Afinal finalização	Elciane Magda - Pauta Bernardo Neder - Correção de cor Dani Feno e Jonas Murad - Assistente de finalização
Equipe Projetos Originais Canal Curta	Bibiana de Sá e Julio Worcman
Equipe de curadoria Canal Curta	Ana Paula Mansur, Camila Lamha, Isadora Malta, Marina Kezem
Coordenação de aquisição Canal Curta	Fernanda Tamara
Seguro	Apoio Seguros
Controller	Sandra Helena Pedroso
Assessoria jurídica	Dario Correa
Motoristas	Transloc, Carlos Loureiro, Edilson e Pablo's Tur
Barqueiros	Emerson e Tito Martins

Todos os esforços foram empenhados no sentido de identificar os detentores de direitos de imagens, sons e personalidades que fazem parte desse filme. Qualquer omissão ou erro será corrigido em futura edição do documentário.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aline Da Rin
Cecília Marigo
Fernando Mozart
Luiz Claudio Marigo
Tito Martins

Usina de Arte João Donato

AGRADECIMENTOS

Aída Marques

Centro de Estudos Vidya Mandir

Fundação Elias Mansour

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

Joaquim Martins

Libório, Raimunda e família

Nilde e Iran

Oscarina Martins

Padre Antonio

Rute Martins

Simone Pessoa

Pousada do Caboclo

Vânia

Vavá

Apoio

**Usina de Arte João Donato
CTAv**

F I M